



FUI UMA BOA MENINA?

Carolina Munhóz

ROCCOXINHAFM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Carolina Munhóz

Fui uma boa menina?

ROCCO HIA

Querido Rosebud,

Sim! Resolvi apelidar você. Porque “querido diário” é meio brega e eu já estava cansada. Acredito que até os diários mereçam um nome. Já que não dei um ao meu antigo, hoje esse é o meu presente para você.

Nossa! Como odeio esse dia. Na verdade, é incrível como sempre odiei tudo que envolvesse essa comemoração antiquada, não apenas a estupidez do atual momento. Mas, como você bem sabe, tentei respeitar tudo isso por muitos anos. Você deve pensar: pobre garota rica e obediente em um ambiente familiar severo. Ambiente familiar! Brincadeira, né? Não sei nem como consigo colocar a palavra família em uma frase sobre aquelas pessoas. Não tenho mais família desde aquele dia. Desde esse dia, para falar a verdade.

Nossa...

Já passou um ano.

Bem, faz pouco tempo que escrevo aqui para desabafar a minha angústia. Antes eram baboseiras simples do tipo “como foi frio o meu dia na escola” ou “como os funcionários do meu pai me assustam”, mostrando a menina boba e fraca que sempre fui. Mas agora aceitei minha revolta interna até então domada pelos meus pais. Aprendi a deixar de lado qualquer dor ou culpa por ir contra os princípios de todos ao meu redor. Por isso estou aqui, sozinha, na véspera desse dia maldito, em um apartamento perdido no meio desta cidade quase fantasma. Solitária, sim, mas pelo menos comecei a ser fiel aos meus verdadeiros sentimentos. Sentimentos que, você sabe, habitam meu ser há muito tempo. Porém o que me irrita hoje é que mais uma vez tive que abrir meus olhos inchados de sono e aguentar esta manhã passar lentamente.

Ou pior...

Aturar essa comoção coletiva absurda.

Esse dia nunca deixará de existir. As casas nunca deixarão de ser decoradas. Quem conseguiria fazer o

mundo parar de comemorar uma das datas mais festivas do calendário? Eu nunca terei esse poder. Nunca recebi atenção, imagina então ter o poder de fazer esse dia ser esquecido por todos. Ou pelo menos por uma pessoa. Ah, como eu queria que ele esquecesse.

A minha vontade era dormir profundamente o dia inteiro. Ou melhor, pelos próximos dois dias, porque nunca é uma comemoração de um dia só. Queria fingir que eu não deveria estar de luto. Ouvir o alarme estridente na cômoda e apenas ignorá-lo, como se o toque constante fosse apenas uma melodia. Quantas e quantas pessoas também não desejam isso? Será que alguém conseguiria cometer tal rebeldia? É provável que não. Mesmo sendo a ovelha negra da família mais perfeitinha do mundo, eu não seria capaz de continuar enrolada no cobertor ainda cheirando a peppermint, perfume que ela sempre gostava de usar. Tive que deixar a luz penetrar nos meus olhos e aceitei o fato de que mais um ano se passara. E eu precisava enfrentar o meu primeiro ano sem o consolo dela nessa data.

O primeiro também sem ele.

Não que ele tivesse comemorado ou sequer estado ao nosso lado nas outras festividades. Afinal, foi culpa dele toda aquela correria e angústia que ela estava vivendo na época. Coitada! Ela só queria nos aproximar e deu no que deu. Se a gente conseguisse mudar o passado, não é, Rosebud? Talvez eu só estivesse reclamando da data e não do fato de tê-la perdido. Nossa! Como sinto a falta dela!

Hoje é o dia em que ele mais precisaria dela e não a terá ao seu lado. Não sei como conseguirá cumprir suas metas. Parece impossível. E não sei se ele terá a cara de pau de aparecer por aqui.

Depois de tantos meses.

De ser tão ausente.

Peço desculpas pelas lágrimas. Estou sempre borrando suas páginas e sei que você não gosta disso, mas é que

não tenho mais controle. Quando decidi me mudar e abandonar meu pai, aprendi a controlar minha vida. Também aprendi a descontrolar as minhas emoções. Lembro que ao dar meu primeiro passo fora do terreno daquele inferno gelado pude finalmente respirar como uma pessoa livre. Uma pessoa que poderia escolher a própria vida. Mas quando penso em sangue a imagem dela me vem à mente. Não! Sei que a sua morte não foi tão cruel assim. Pelo menos foi o que pareceu. Graças aos céus! Mesmo assim, a relação é fácil de ser feita. Na verdade, lembro-me da nossa última conversa e do sangue abundante do peru, que ela havia acabado de matar, espalhado pela neve. Por que diabos ela havia matado aquele bicho, bem naquele dia?

Ainda consigo sentir a presença da minha mãe no meu antigo quarto – tão bagunçado quanto a minha vida. Ela parecia diferente. Talvez pela forma como batia as portas dos armários ou pelos profundos suspiros ao fechá-las. Aquilo nunca acontecia. Ela não era de entrar no meu quarto e muito menos de mexer nas minhas coisas. Eu deveria ter percebido. Mas como eu poderia notar uma coisa dessas, deprimida como eu estava na época?

Não que eu esteja muito feliz agora.

Lembro-me de ter resmungado algo sobre a sua atitude e de tê-la desconcentrado. Naquele dia eu estava em um estado lastimável: meu cabelo era basicamente um emaranhado de fios brancos em formato de guarda-chuva. Ela notou em um segundo. Toda certinha, com certeza perceberia o desastre de minha juba. Quem me dera ela estivesse aqui hoje para vê-lo liso e comprido como o dela. Talvez sentisse orgulho. No fundo, eu sempre quis isso. Orgulhá-los. Só que da minha forma.

“Seu cabelo está uma bagunça. Precisa escová-lo antes de sair do quarto. Temos muitas pessoas transitando pela casa hoje e elas não podem te ver assim.”

Foi o que ela disse. Eu nem sabia que na verdade o seu desejo era me fazer tomar banho e ficar bonita para o que planejava. Eu era idiota e apenas reclamei da bendita cor

do meu cabelo. Talvez até a tenha ofendido, pois resmunguei que eu parecia ter oitenta anos por conta daquela coloração. Ainda consigo ouvir a porta bater mais forte. Algo não habitual para ela, conhecida por sua serenidade.

“Você parece não entender nossa genética. Sabe que temos nossas diferenças. Já passou da hora de você se aceitar. E, talvez, de nos aceitar.”

Oh, Céus! Como fui sarcástica no dia. Comentei que não tinha certeza de como aceitar tudo aquilo se as pessoas nem percebiam a minha existência. Ainda gritei com ela, Rosebud! Reclamei que era fácil ela falar. Eram eles os conhecidos. Aqueles que deviam satisfações ao mundo. O rosto do meu pai até hoje é impresso na bebida mais famosa do mundo. Como eu poderia lidar com tudo aquilo, Rosebud? COMO?

Houve então um momento de descontração. Afinal estava conversando com a minha mãe. E se existia algum tipo de doçura naquela família vinha dela. Com certeza! Brincando, culpou a genética paterna pelo meu temperamento dramático. Ela sorriu e disse que me amava.

Ela me amava.

Sei que eu a magoava quando explodia e ela não entendia meu desespero. Meu sufoco toda vez que aquele feriado se aproximava. Ela brincava que eu entrava em estado de negação, mas um dia entenderia meu papel em tudo aquilo. Entenderia por que ele era como era. Por que fazia o que fazia.

Ou melhor...

Faz até hoje.

Você já deve estar cansado da minha lamentação, não é? Sei que estou chata. Qualquer pessoa com depressão fica chata. E agora, quando olho para o porta-retratos em cima da mesa em que escrevo, me repreendo.

Por que mantenho essa foto aqui? Por que me forço a

olhar o que foi um dia uma família supostamente feliz? Seria para me lembrar de que também sou culpada? Para recordar o quanto menosprezei o trabalho dele no último dia da existência dela, a mulher que só o apoiou e seguiu incontestavelmente durante anos?

Consigo ouvir o meu riso sarcástico. O segundo em uma só manhã. Não soltei o terceiro, pois sabia que a bondade de minha mãe tinha limite e o tempo dela também. Naquele horário ela deveria estar finalizando as preparações para a celebração, mas não estava. Não! Ela escolheu aquele dia para procurar algo em meu armário.

Algo que até hoje não sei o que era.

“Do que adianta ter habilidades se o que querem de mim é algo tão bobo e pequeno?”

Ela comprimiu as sobrancelhas brancas, fechando as feições até então meigas. Eu senti medo porque só via aquela expressão na face de meu pai. E só eu a via, já que em outros lugares o rosto bondoso sempre aparecia. Minha pobre mãe não entendia como eu poderia achar o trabalho dele bobo e pequeno. Claro que não! Ela amava o trabalho dele. Ela realmente o amava! Também esperava que um dia eu seguisse os passos dele, mas com dignidade.

Contudo, foi naquela manhã que joguei a verdade ao vento. Como fui idiota! Essa era a minha parte da culpa. Falei aos berros que não era o filho tão desejado por eles. Eu sabia o segredo da família. Ninguém nunca quis uma menina. O sonho daquele homem era passar seus ensinamentos para um garoto, não para mim. Então por que eu precisava aprender? Ele realizava os sonhos de todas as crianças do mundo.

E eu apenas desejava algum dia ser uma delas.

Depois de escutar meus berros e ver minhas lágrimas, ela voltou a atenção para o armário. Sim! Fiquei com tanta raiva ao ver seu desprezo pela minha dor. Revirou minhas roupas jogadas pelas cômodas e só lembro que ela pegou algo em alguma gaveta. Que coisa estranha! É a primeira vez que paro para pensar nisso. Em seguida ela saiu sem dizer uma palavra.

Muito triste! Queria ter escutado apenas uma.

Que vergonha! Naquele dia todos me ouviram. Aquela casa maldita cheia de ecos e pessoas para lá e para cá. Elas sabiam da minha fraqueza e do desgosto de meus pais.

Eu me lembro de ter sentido vontade de dormir do lado de fora da casa. Aquilo não contaria como ficar enfiada no quarto, certo? Assim eu não a magoaria tanto. Mas me lembrei da nevasca do dia anterior e percebi que apenas morreria congelada se tentasse.

Esse sempre foi outro problema constante na minha vida com meus pais. Estava cansada daquele eterno frio. De nunca ter tido um momento em que pudesse usar vestidos cavados ou chinelos confortáveis. Sempre estava enrolada em peles e lãs, com camadas e mais camadas de roupas. Como seria capaz de seduzir alguém com tantas peças? Não que houvesse muitos jovens por aquela região. Não existiam tantos loucos no mundo capazes de morar em um lugar com uma temperatura constante abaixo de trinta graus negativos. Entretanto, naquela época eu sonhava com o dia em que teria alguém para compartilhar aquele martírio, já que minha família tinha o dever de pensar naquele dia como uma ocasião para se preocupar com os outros e não consigo própria. O engraçado é que até hoje não achei alguém para dividir isso comigo.

Caramba...

Estou escrevendo muito por aqui.

É que na verdade estou nervosa. Não sei se no próximo segundo ele baterá na porta ou não. Qual seria a minha reação se o fizesse? Será que devo abrir? Eu já deveria ter passado dessa fase e é claro que não devo abrir. Por causa dele não a tenho mais. Isso é o mais correto a fazer, não?

Gostaria tanto que você me respondesse, Rosebud!

Ai, me deu fome! Acho que por conta do cheiro que vem da cozinha da vizinha. Ela já começou os preparativos. As casas do mundo inteiro ficam ocupadas nesse dia. Aprendi

isso conversando com as pessoas da cidade. Antes pensava que só na minha era assim, mas muita gente realmente se empolga em cozinhar.

O aroma amanteigado da comida me lembrou de quando fui procurá-la. Recordei os biscoitos que tinham acabado de sair de um dos fornos de ferro. Eu me lembrei das ajudantes dela, mulheres rechonchudas e habilidosas mexendo em potes de diversos tamanhos, tirando formas quentes dos grandes eletros e embrulhando guloseimas em saquinhos brilhantes de tons avermelhados. Não avistei minha mãe. Sem dúvida, ela deveria estar ali supervisionando os preparativos da festa. Em pouco tempo as criaturas ajudantes de meu pai buscariam as caixas contendo os embrulhos. Senti pena porque nada permaneceria na casa. Eu sabia que nunca sobraria um pacote daqueles para mim. Afinal, tudo era sempre muito calculado e as pessoas que mereciam um daqueles biscoitos precisavam ter sido boas o bastante para merecê-los. Como eu nunca parecia boa o bastante para eles, já imaginava que não sentiria o gosto das gotas de chocolate.

Procurei, procurei e procurei. Não encontrei a minha mãe. Deveria ter sido mais inteligente. Percebido que ela nunca deixaria seu posto naquele dia. Normalmente não teria nem passado em meu quarto. Contudo, fui besta como sempre e achei que não era nada. Resolvi procurar um lugar para me esconder de todas aquelas pessoas. Sabia que era meu dever, mas não iria ajudar na preparação de mais um dia sequer daqueles. Não valia a pena. Para que ajudar ou paparicar uma pessoa estranha que nem pensaria em me agradecer depois?

Decidi sair da casa para ver se o ar gélido ajudaria a passar um pouco o meu mau humor. O resto do dia seria tumultuado. Sempre era. Eu via as criaturas e meus pais trabalhando sem parar o ano inteiro, mas mesmo assim coisas acumulavam para a véspera. E eles levavam muito a sério toda aquela tradição. Se algo desse errado, muita gente seria afetada, por isso não se davam o luxo de descansar.

Nem de cuidar da própria família.

Esse era o principal problema. Nunca me senti aceita pela família. Não parecia ser prioridade de ninguém. Ao crescer percebi que qualquer outra criança ganharia mais atenção e regalias por mandar cartas idiotas contando coisas em vão. Então do que adiantaria eu tentar chamar a atenção de meus pais?

Ai, Rosebud! Ouvi um barulho no corredor. Será ele? Será que consegui parar por alguns minutos para tentar me obrigar a preencher o espaço deixado vago por ela?

Uma batida.

Escutei uma batida na porta. Não sei o que faço, então continuo a escrever aqui. Ai, senhor! Diga-me o que fazer, Rosebud. Ganhe vida e me tire desse conflito.

As batidas estão mais fortes. Acho melhor eu atender e esclarecer logo que não há mais nada a ser dito.

Volto depois para lhe contar.

Se conseguir sobreviver a este encontro.



A garota parou e continuou olhando para o caderno. Apesar de ouvir as batidas constantes e desesperadas, não conseguia reunir coragem para se levantar e encarar o problema evitado durante um ano. Durante toda uma vida.

Quando escutou um “por favor” vindo do outro lado da porta maciça, deixou o lado familiar aflorar e resolveu ceder.

- Pensei que você preferisse a chaminé - debochou. Tanto tempo sem vê-lo e era isso o que eu tinha a dizer.

O homem soltou uma risada.

- Eu bem sei o quanto foi necessário para você se esconder num lugar sem chaminé - comentou. - Mas poderia ter escolhido uma temperatura mais agradável.

- Para você o termo *agradável* é um congelador de

frigorífico. Fico bem aqui mesmo.

Ele soltou outra risada.

Aquele sempre foi o jeito deles. O sarcasmo honesto de cada dia. A mãe ficava louca com aquelas conversas, que no fundo haviam lhe custado a vida. A garota não podia se esquecer disso.

- Não vai me convidar para entrar?

- Virou vampiro agora?

O homem encolheu os braços robustos, disposto a conversar. Algo novo.

- Não foi fácil encontrá-la...

- Você não deve ter tentado o suficiente. Ou precisava de uma cartinha minha pedindo minha mãe de volta de presente?

A frase doeu mais nela. Dizendo isso, a menina virou as costas e se jogou no pequeno sofá ao lado da cama da quitinete. Não tinha levado muitas coisas consigo quando decidira sair pelo mundo e mantinha aquele local no sudeste do Brasil com os pequenos bicos que fazia para pagar as contas. Por ironia havia escolhido o lugar conhecido como suposta colônia de férias de seu pai.

- Também sinto falta dela. - Foi uma tentativa. Ele esparramou seu peso pela cama desarrumada.

- Falta é o que menos sinto. E necessidade é o que o senhor deve sentir mais. Escolheu hoje por coincidência?

- Você sabe que precisamos de você.

- E quando *eu* precisei de você? - ela perguntou, perfurando-o com o olhar.

Ele deu um longo suspiro.

- Eu estava ao seu lado. Como sempre estarei.

- Ela amava você.

- E eu a amava. O amor dela queria nos unir...

- Mas nos separou.

A garota tentava aparentar força, mas continuava sentindo-se a menina boba de sempre, temendo a figura paterna.

- Você nem esperou para saber do que ela morreu... - ele comentou com a voz baixa, temendo despertar a ira da filha. - Nem o que ela queria.

- Minha mãe estava morta. Isso me bastou.

O homem teve pena. Ficou triste por sentir dor em cada palavra ouvida. Era um homem sério e autoritário, o que muitas vezes se devia ao seu excesso de responsabilidades. Desde cedo havia sido treinado para exercer sua função. Tinha ajudantes e a própria esposa, figura sempre importante no processo produtivo, mas, na noite da celebração, apenas ele podia cumprir a tarefa final. Uma função destinada à sua raça.

Temia ter focado tanto na sua missão e falhado com a sua criança, hoje já adulta, que o olhava com rancor. Ela nunca percebeu o esforço dele em criar uma relação entre os dois. As tentativas de conseguir um abraço ou um “obrigada, pai”. Ele havia passado um ano procurando-a por todos os cantos do planeta. Descobrira o local após passar a manhã relembando suas brigas e os últimos dias que levaram sua mulher a sofrer um ataque cardíaco. Pois sim! O dia a dia corrido e a constante intermediação na vida da família foram demais para o coração dela. O excesso de esforço físico também contribuiu. Encontrar a esposa jogada na neve ainda trazia uma lembrança que assolava seus pesadelos. Aquela havia sido a única noite de Natal em que as crianças não receberam presentes. Isso não poderia se repetir.

Ironia. Algo muito constante. Pensando nisso ele procurou o lugar mais irônico para a filha estar. Juntou dois mais dois e não foi difícil de achar. Ela odiava o frio e parecia odiá-lo também. Sabia de uma cidade perfeita. Chegando ao local conhecido como sua “residência de férias”, logo descobriu o apartamento onde ela esteve escondida todos aqueles meses. Claro, o mais próximo da casa feita em sua homenagem na cidade.

- Sei que viu sangue na neve. Espero que não tenha achado que era de sua mãe.

- Eu sei que não era. Era da ave que ela matou.

- Então já sabia do ataque cardíaco?

A menina balançou a cabeça, embaraçada, demonstrando que não. O choque foi grande. Ela não pensava tanto no como e sim no porquê de tudo aquilo.

- Sua mãe já sabia do problema no coração. Insistiu em

manter segredo. Somos criaturas mágicas, mas não somos muito diferentes dos humanos. Temendo o pior, ano passado ela tentou nos reconciliar mais uma vez e procurou ajuda em seu antigo diário. Não sei se a sobrecarga de sentimentos acabou afetando-a. Sinto tanta culpa quando penso nisso.

- No *meu* antigo diário?

Foi um golpe. Como havia saído de casa na correria, não localizara seu velho diário nem dera falta dele durante a arrumação da bagagem. A única coisa em sua mente era fugir para longe. Não conseguia acreditar que o objeto procurado pela mãe naquela manhã era *aquela*.

- Há tempos eu vinha pedindo a ajuda dela para tentar reconquistar você - ele começou. - Pode não parecer, mas quando era pequena você dizia que eu era seu herói. Costumávamos cruzar os céus juntos e distribuíamos alegrias para todos os que acreditavam no espírito da felicidade.

- Esse é um sentimento que não habita mais em mim.

- E sinto muito por ser responsável por isso.

Era a primeira vez que ele se abria daquela maneira. Ela não sabia como reagir a essa nova versão do pai.

- O que ela tanto procurava no meu diário antigo?

- Algo que pudesse nos conectar - comentou. - Ela queria comprovar que você também havia sido uma boa menina e deveria receber o seu pedido de Natal.

Meu pedido de Natal?

Com um estalo de dedos o ambiente ficou diferente. Primeiro o ar tornou-se mais mágico, mais puro. A luz forte do sol de verão se atenuou e o cheiro amanteigado aflorou. Ambos enxergaram pontos brilhantes e a mesa da cozinha de súbito ficou mais convidativa. Antes havia uma toalha rala e um copo de café amanhecido. De repente se tornou festiva, cheia de arranjos e com um peru dourado e bonito.

Um peru de Natal!

O presente que a garota havia desejado no ano anterior.

Como ela não havia feito a conexão?

- Só queria comemorar essa data como todas as pessoas no mundo... - balbuciou sem acreditar no que ouvia.

- Nem todas comem peru no Natal - ele retrucou.

- Mas há os que compartilham a refeição com a família que ama.

Deixando uma lágrima escorrer, o homem agora sentado junto à filha, ao redor da ceia, respondeu:

- Eu amo você, minha filha. Embora não exatamente como nos seus sonhos.

Em uma trégua amigável, os dois dividiram o mesmo pão, saborearam a mesma carne, dividiram o mesmo vinho e rezaram pela mesma mulher. Realizaram o sonho que antes tinha sido da filha, mas hoje era da mãe.

Eles tinham dado o primeiro passo...

A garota, então, não conseguiu mais manter a rebeldia. Havia herdado também a bondade da mãe. No fundo, queria atenção e acabou ajudando-o a completar mais um dia de trabalho. Começou a exercer o papel que tanto esperavam que ela assumisse.

Afinal, a família Claus ainda tinha muitos sonhos a realizar naquela véspera de Natal.

E ela não deixaria nenhuma criança sentir a tristeza que a habitara por tanto tempo.

Copyright © 2013 by Carolina Munhóz

Capa
RAFAELA GAMA

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar
20030-021 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais
MILENA VARGAS

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo e-Pub
LORENA PIÑEIRO

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M932f

Munhóz, Carolina, 1988-

Fui uma boa menina? [recurso eletrônico] /
Carolina Munhóz. - [1. ed.] - Rio de Janeiro :
Rocco Digital, 2013.

recurso digital: il

ISBN 978-85-8122-327-8 (recurso
eletrônico)

1. Conto infantojuvenil brasileiro. 2.
Livros eletrônicos. I. Título.

13-07860

CDD:
028.5

CDU:
087.5

A AUTORA

Carolina Munhóz tem 25 anos, é jornalista e romancista, além de integrante do Potterish, um dos maiores sites de Harry Potter do mundo. A autora foi eleita como melhor escritora jovem pelo Prêmio Jovem Brasileiro. A partir dos 18 se aventurou pela Europa, onde teve a oportunidade de conhecer os atores de Harry Potter. Suas aventuras chamaram a atenção de meios de comunicação como Estadão, Globo, rádio Record de Londres e Disney Channel. Foi capa do jornal Folha de São Paulo, sendo destacada como referência na literatura fantástica, e foi eleita pela Revista Época como candidata a seguir os passos de autoras como Cassandra Clare e Alexandra Adornetto. Carolina foi citada por Paulo Coelho como uma escritora que move o mercado e em 2013 fechou uma nova trilogia com a Editora Rocco.